



# Editorial

## Homenagem a Donald Meltzer

No último mês de agosto, numa sexta-feira treze, a psicanálise perdeu um de seus grandes nomes da atualidade, Donald Meltzer. Perda irreparável. Pela sofisticação clínica e qualidade psicanalítica com que lidava com as expressões humanas, tanto na teoria como na prática, encantava a todos. Meltzer é desses autores capazes de estimular nossa sensibilidade clínica e equipar nossas mentes com um fecundo instrumental conceitual que muito auxilia para o contato emocional profundo com a dinâmica do mundo interno.

Ao impacto da notícia, seguiu-se um sentimento de vazio, de uma grande perda, para nós e para a psicanálise. Exatamente seis anos antes, o dr. Meltzer visitou nossa Sociedade, em agosto de 1998, quando realizou conferências, reuniões e supervisões. Encantou-nos então com a presença magnética e agudeza no trabalho de supervisão. Ao fechar os olhos, com a cabeça baixa, a fala e a escuta ativas durante as apresentações públicas, assumia uma atitude de entrega total à própria mente, com a aparência semelhante um êxtase. Lembro-me de um colega comparando-o a um bruxo, um velho e sábio índio que é capaz de estabelecer contato com uma dimensão de um mundo fantástico que faz parte de nosso cotidiano, porém que apenas se revela para quem se prepara para vê-lo. E Meltzer fez com que pudéssemos ver seu mundo interno trabalhar através das imagens circulantes em sua mente e que transbordavam sobre o material clínico ou sobre sua visão da psicanálise.

Assim pudemos olhar para mais além em nós mesmos e para além em nossos analisandos. Como guia competente e criativo, ele nos mostrou a geografia da mente, território inóspito. Com ele nos foi possível percorrer este estranho e familiar mundo interno, com a vitalidade e a autonomia das relações de objeto. Meltzer, o cartógrafo, ampliou e amplificou nosso entendimento desse outro mundo.

A presente homenagem decorre do reconhecimento de sua obra e é uma forma de agradecimento póstumo, pela forte influência em muitos colegas de nossa sociedade. De autor *maldito*, por incompreensão, nos idos anos de vigência da obra *Vida Onírica (Dream life)*, passou a ser, certamente, um dos mais estudados autores nos últimos anos entre nós. Sete grupos, na atualidade, iniciaram os estudos da obra de Meltzer mais aprofundadamente ou seguem estudando-a, coordenados por respeitadas analistas didatas. Germano Vollmer Filho introduz Meltzer em seus seminários na formação psicanalítica lá pelo final dos anos setenta; após,





César Luís de Souza Brito

seguiu com um grupo de estudos sobre aquele autor. Paulo Martins Machado, de saudosa lembrança, já falecido, em 1999 inicia um seminário para candidatos egressos, específico para o estudo de Meltzer. Hoje, Juarez Guedes Cruz, Raul Hartke, José Carlos Calich mantêm esses estudos. Por sua vez, Virginia Ungar, da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, através de visitas regulares, coordena três grupos de estudos de Meltzer. Assim, ao redor de cinquenta colegas encontram-se sistematicamente envolvidos no conhecimento de sua obra.

Como justa homenagem e também como forma de elaborar sua perda, apresentamos neste número da Revista de Psicanálise duas conferências inéditas, a primeira, quando em visita à nossa Sociedade, na qual falou sobre a relação da psicanálise com outras ciências, tema sobre o qual, segundo ele próprio, pouco escreveu. A seguir, após uma carinhosa introdução de Alberto Hahn, apresentamos a conferência realizada na Tavistock Clinic, por ocasião do lançamento de *Sincerity and others papers de Donald Meltzer* (livro organizado por Alberto Hahn em 1994), no qual ele discorre sobre o papel da escrita na psicanálise e Meltzer aborda a importância da psicanálise também em sua vida, enriquecendo sua capacidade de pensar.

Na continuação temos artigos de autores que conviveram com ele e dele receberam influência direta no seu modo de pensar. Originais ou inéditos, ilustram a vitalidade da obra de Meltzer ao servir de instrumento de trabalho de seus admiradores.

O primeiro é de José Carlos Calich, que narra um pouco da sua experiência nas tratativas de estimular Donald Meltzer a visitar Porto Alegre e assinala certas curiosidades do estilo pessoal do convidado que exemplificam seu modo de observar a vida psíquica.

Meg Harris William, num interessante trabalho sobre a descoberta da identidade simbólica através do desenho de modelo vivo, nos permite captar a relação entre artista, modelo e ambiente, relação perfeitamente transponível para o contato entre analista, analisando e a sessão psicanalítica ou mesmo para a relação supervisor/supervisionando.

Carlos Tabbia trata da problemática da observação e descrição na gênese do significado. Os obstáculos ao processo analítico face a analisandos com particular dificuldade para pensar são abordados a partir da problemática da linguagem e da observação.

Clara Nemas destaca a importância do conflito estético (brilhante conceitualização de Meltzer), que impulsiona o desenvolvimento psíquico ao promover a formação de símbolos e o desejo de apreender o significado emocional das experiências. A busca pelo conhecimento do interior do objeto realiza-se ou por uma





tolerância ao mistério, forjando conjecturas imaginativas à espera do conhecimento revelado, ou pela tentativa de desvelar o enigma que oculta um segredo, adquirindo-se certezas por meios intrusivos. Estas modalidades de lidar com o interior do objeto são responsáveis, respectivamente, pelos aspectos criativos e destrutivos do conhecimento.

Virginia Ungar enfoca a importância dada por Meltzer ao desenvolvimento emocional precoce e à noção de modelos teóricos para o trabalho psicanalítico. Destaca que o modo como cada analista concebe o desenvolvimento emocional precoce vai caracterizar sua forma de compreender o material, a psicopatologia e sua técnica.

Raul Hartke faz uma síntese e uma sistematização das principais concepções de Meltzer, descrevendo a complexidade da geografia da mente com seus diferentes níveis de funcionamento, bem como o conceito de conflito estético e suas repercussões no desenvolvimento psíquico, na psicopatologia e no processo analítico. Aborda também as implicações técnicas do modelo meltzeriano.

Juarez Guedes Cruz apresenta sua participação em mesa-redonda, promovida pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, quando de uma homenagem em memória de Donald Meltzer e reflete sobre sua influência em seus afazeres clínicos e em sua própria identidade psicanalítica.

Alda Oliveira e grupo utilizam-se do filme *A voz do coração*, de Christophe Barrantier, para ilustrar a reversão da função alfa (conceito de Bion), baseando-se nos desenvolvimentos de Meltzer que ampliam a utilização desse conceito, em sua relação com a gênese da mentira e suas conseqüências no desenvolvimento psíquico.

Concluimos esse número da *Revista* apresentando a entrevista com Virginia Ungar, que discorre sobre sua formação analítica e seu contato com Meltzer e sua obra. Ela discute o estilo de interpretação e a importância da supervisão e da observação de bebês no desenvolvimento do psicanalista, bem como as controvérsias entre psicanalistas quanto à importância da observação de bebês. Essa entrevista foi complementada após o falecimento de Meltzer, com a entrevistada destacando o impacto com sua perda.

Finalmente, gostaríamos de agradecer de forma especial a Virginia Ungar e a cada colega que contribuiu para a realização deste número. Desejamos a todos uma boa leitura e que – mesmo tratando-se de uma perda irreparável – sua presença, agora essencialmente internalizada, produza frutos significativos.

**César Luís de Souza Brito**

Editor da *Revista de Psicanálise* da SPPA

